

Arthur Schopenhauer e a Noção de Compaixão como Fundamento Moral

Arthur Schopenhauer and the Notion of Compassion as a Moral Foundation

Marli Ferreira de Carvalho Damasceno¹

Marcus Antonio de Sousa Filho²

RESUMO

Influenciado profundamente pelo idealismo transcendental de Immanuel Kant, Arthur Schopenhauer elaborou um sistema metafísico e ético que, ao longo dos anos, tem sido descrito como uma manifestação paradigmática do pessimismo filosófico. No Livro IV de sua obra *O Mundo como Vontade e Representação*, Schopenhauer apresenta uma teoria ética inovadora, na qual a compaixão é destacada como o verdadeiro fundamento da moralidade. Esta perspectiva contrasta significativamente com os grandes sistemas éticos da tradição filosófica ocidental, como o de Aristóteles, que vê a virtude como algo que pode ser cultivado e ensinado através de práticas sistemáticas e educativas. Para Schopenhauer, a virtude não pode ser ensinada nem adquirida por meio de sistemas éticos formais, uma vez que tais sistemas não têm o poder de transformar efetivamente o caráter moral dos indivíduos. Em vez disso, ele argumenta que a compaixão, entendida como a capacidade de se identificar com o sofrimento alheio e de agir para aliviar esse sofrimento, é a base essencial sobre a qual a moralidade deve ser construída. A problemática central deste trabalho é a seguinte: como Schopenhauer desenvolve e justifica a compaixão como o fundamento moral em sua filosofia? Para responder a essa questão, o estudo será conduzido por meio de uma análise detalhada dos textos de Schopenhauer, incluindo *O Mundo como Vontade e Representação*, além de uma revisão crítica de teses, dissertações e outras publicações acadêmicas que discutem a teoria ética schopenhaueriana. A pesquisa visa esclarecer como a teoria ética de Schopenhauer oferece uma alternativa ao pensamento moral tradicional, destacando a compaixão como um princípio fundamental na formação da moralidade e na compreensão do comportamento ético.

Palavras-chave: Vontade. Representação. Compaixão. Egoísmo.

ABSTRACT

Deeply influenced by Immanuel Kant's transcendental idealism, Arthur Schopenhauer developed a metaphysical and ethical system that, over the years, has been described as a paradigmatic manifestation of philosophical pessimism. In Book IV of his work *The World as Will and*

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Piauí. Docente do Instituto Federal do Piauí. Orcid: 0000-0001-8308-4390. E-mail: marlidamasceno@ifpi.edu.br

² Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Piauí. Docente. Orcid: 0000-0002-8086-8285

Revista Interdisciplinar

Representation, Schopenhauer presents an innovative ethical theory, in which compassion is highlighted as the true foundation of morality. This perspective contrasts significantly with the great ethical systems of the Western philosophical tradition, such as that of Aristotle, who sees virtue as something that can be cultivated and taught through systematic and educational practices. For Schopenhauer, virtue cannot be taught or acquired through formal ethical systems, since such systems do not have the power to effectively transform the moral character of individuals. Instead, he argues that compassion, understood as the capacity to identify with the suffering of others and to act to alleviate that suffering, is the essential basis upon which morality must be built. The central problematic of this paper is the following: how does Schopenhauer develop and justify compassion as the moral foundation in his philosophy? To answer this question, the study will be conducted through a detailed analysis of Schopenhauer's texts, including *The World as Will and Representation*, as well as a critical review of theses, dissertations and other academic publications that discuss Schopenhauer's ethical theory. The research aims to clarify how Schopenhauer's ethical theory offers an alternative to traditional moral thought by highlighting compassion as a fundamental principle in the formation of morality and in the understanding of ethical behavior.

Keywords: Will. Representation. Compassion. Selfishness.

INTRODUÇÃO

A compaixão, sozinha, é a base efetiva de toda a justiça livre e de toda a caridade genuína. A compaixão é a base da moralidade (Schopenhauer).

Ao observar os aspectos descritos nas obras de Arthur Schopenhauer, o mundo como vontade e representação e fundamento da moral do filósofo, percebemos que as investigações morais que são mais importantes que as físicas, o que decorre do fato de que elas quase imediatamente dizem a respeito a coisa em si mesma e revela a sua verdadeira essência como vontade. Em outras palavras, Schopenhauer (1788-1860) aborda que o intelecto em sua atividade a serviço da vontade, na sua função natural, conhece meras relações entre as coisas. Primeiramente, são as suas relações com a vontade em si mesma, que ele mesmo é. No entanto, tendo em vista a completude do conhecimento, conhece as relações das coisas umas com as outras.

A vontade, na visão de Schopenhauer, aparece nas seguintes condições:

Claramente, a apreensão das relações das coisas umas com as outras, ocorre apenas indiretamente a serviço da vontade. Isto, portanto, constitui a transição para o conhecimento puramente objetivo, que é totalmente independente da vontade. Aquelas correspondem ao conhecimento científico, sendo este último o conhecimento artístico (Schopenhauer, 2014, p. 13).

O estudioso destaca, como visto, que se as múltiplas e variadas relações de um objeto são apreendidas de imediato, a sua natureza peculiar e adequada aparece a partir destas mais e mais distintamente, sendo assim, gradualmente construído a partir de meras relações, mesmo que o ser em si mesmo seja distinto delas.

Na vontade, os fenômenos mostram a consideração do mundo do ponto de vista moral o consolo pode ser encontrado, devido às profundezas de nosso próprio ser íntimo apresentado.

Influenciado pelo pensamento platônico e o idealismo kantiano, ele revê a discussão moral e inaugura uma filosofia alicerçada nos conceitos transcendentais de uma única realidade, o mundo. Dessa maneira, influenciado pelo idealismo transcendental de Immanuel Kant, Schopenhauer desenvolveu um sistema metafísico ateu e ético que, ao longo dos anos, tem sido amplamente descrito como uma manifestação exemplar de pessimismo filosófico. Sua visão do mundo como uma expressão da vontade cega e irracional, geradora de sofrimento e frustração, reflete uma postura profundamente pessimista sobre a existência, na qual o desejo incessante, próprio da natureza humana e da realidade em geral, impossibilita qualquer satisfação duradoura ou verdadeira felicidade.

Tendo em vista o que foi abordado, o objetivo geral desse trabalho é analisar as contribuições do pensamento filosófico de Arthur Schopenhauer para a compaixão como fundamento moral teórico. Já a problemática de estudo constitui-se: de que forma Schopenhauer trabalha, em sua obra, a compaixão como fundamento moral?

A resposta ao problema de estudo desse trabalho virá do estudo bibliográfico feito aos escritos do filósofo, além da consulta em teses, dissertações e livros que tratam do tema.

Nosso trabalho está dividido em duas seções: no primeiro são feitas breves considerações sobre os conceitos de vontade e representação para Schopenhauer, levando em consideração do livro I e II do mundo como vontade e como representação. Na segunda parte é feita a abordagem do objeto de estudo desse trabalho, que é o tratamento dado à compaixão como fundamento moral na visão de Arthur Schopenhauer, partindo do estudo das ações egoísta, má e boa (compassiva).

1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONCEITOS DE VONTADE E REPRESENTAÇÃO PARA SCHOPENHAUER

1.1 O mundo como vontade

Como já foi mencionado na introdução desse trabalho, Schopenhauer foi um dos maiores filósofos de sua época, era contemporâneo mais moço de Hegel, chegando, inclusive a tratar esse como charlatão inepto e obtuso, porque possuía uma aversão à autoindulgência intelectual do sistema hegeliano, conforme destaca Scruton (2008).

Schopenhauer toma o idealismo transcendental de Kant como ponto de partida, sustentando que o mundo em que a humanidade está inserida através dos sentidos é uma construção feita de aparências. Encarou essas representações como a personificação criativa do intelecto, que organiza o mundo do conhecimento de acordo com conceitos de espaço, tempo e casualidade. Acerca disso, Scruton (2008, p. 232) destaca que:

Foi esse idealismo transcendental simplificado que Schopenhauer opôs ao elaborado sistema de Kant. Como o título de sua obra principal – O mundo como vontade e representação (1818) – implica, ele achava que o mundo era mais do que sistema de aparência. O mundo contém não só representações e seus relacionamentos sistemáticos, mas também vontade; e é principalmente por causa de sua filosofia da vontade que Schopenhauer é estudado hoje.

A filosofia da qual o autor trata acima é considerada ambiciosa, derivada de uma dicotomia entre vontade e representação toda metafísica, a epistemologia, a ética e a filosofia da mente, fornecendo não só novas respostas a antigas indagações, como uma nova consciência dos próprios problemas. Antes de discutirmos o conceito de compaixão, é necessário entendermos o que Schopenhauer entende por Vontade e qual a sua relação com a ideia de compaixão.

Na visão de Scruton (2008), acerca do pensamento de Schopenhauer, a filosofia da vontade³ começa no paradoxo da coisa em si, pois o idealismo transcendental implica que o mundo

³ Schopenhauer, no Mundo Como Vontade E Como Representação, faz uma distinção para evitar eventuais confusões, para Schopenhauer no que se refere à Vontade com V maiúsculo corresponde à coisa-em-si que não está submetida ao princípio de razão, portanto, é livre e toda poderosa; e a vontade com v minúsculo que se refere à mola impulsora do querer interior responsável por todas nossas ações.

Revista Interdisciplinar

apenas exista como representação, em que todo objeto é condicionado pelo sujeito, sendo apenas a representação desse.

Scruton, fazendo a leitura do pensamento de Schopenhauer, destaca os seguintes aspectos acerca do conceito de representação:

Uma representação é um estado subjetivo que foi organizado de acordo com o espaço, tempo e causalidade – as formas primárias de sensibilidade e entendimento. Na medida em que voltamos nossos pensamentos para o mundo natural, a busca pela coisa em si por trás da representação é fútil. Cada argumento e cada experiência levam apenas ao mesmo fim: o sistema de representação, colocando-se como um véu entre o sujeito e a coisa em si. Nenhuma investigação científica pode penetrar o véu; e no entanto, é apenas um véu [...] (Scruton, 2008, p. 233).

Mesmo o intelecto sendo escravo da vontade, comentando impotentemente processos que não pode controlar, ele é possuidor de um talento a seu alcance, o da renúncia. O intelecto pode superar a resistência da vontade à morte, demonstrando que não há porque temê-la. Nesse contexto, há um pensamento de Schopenhauer muito interessante, que é quando o mesmo diz que, embora o que sobreviva à morte não seja uma individualidade, mas o universal, os humanos não deveriam se preocupar com isso, tendo em vista que foi o equívoco de existir que causou todo o sofrimento humano. Inclusive, esse aspecto é subsídio utilizado por Schopenhauer para justificar o suicídio. Contudo, Scruton (2008) diz que o filósofo não estava inclinado a cometer tal “tragédia humana”.

É nesse sentido que percebemos como a vontade pode estar relacionada intimamente na filosofia de Schopenhauer com a questão do ser, seus pensamentos e ações. No entanto, caso sejam controladas, as pessoas poderão ver as coisas objetivamente, independente de objetivos transitórios. Isso quer dizer que só podemos ficar contentes com o mundo se nos libertarmos do desejo de mudá-lo. Na concepção de visão de Schopenhauer, é o único elemento permanente e invariável do espírito, que lhe dá coerência e unidade, que constitui a essência do ser humano. Nesse sentido, a vontade seria o princípio fundamental da natureza, independente da representação, não se submetendo às leis racionais.

Para Schopenhauer, só será possível distanciar-se da vontade por meio da experiência estética, que devem receber o posto mais elevado na autocompreensão humana. Isso quer dizer que é por meio da arte em particular, a da música, que se percebe o que de outra forma fica permanentemente oculto a nós, em outras palavras: a apresentação objetiva da própria vontade.

Revista Interdisciplinar

“Na música, a vontade joga consigo mesma, como as ondas sobre a calma do oceano” (Scruton, 2008, p. 236).

Para Fragoso (2013, p. 36), o ato da vontade e a ação do corpo não são dois estados distintos vinculados por uma relação de causalidade; ao contrário, são uma única e mesma coisa, manifestada de maneiras diferentes: uma, imediatamente pela experiência interna, e outra, pela intuição do entendimento. A ação do corpo é simplesmente a objetivação do ato da vontade, ou seja, sua manifestação no mundo sensível. Isso vale tanto para os movimentos voluntários quanto para os involuntários, resultantes de estímulos externos. Assim, o corpo inteiro nada mais é do que a própria vontade objetivada, convertida em representação.

Em decorrência disso, o corpo, que no livro precedente e no ensaio sobre o princípio de razão foi chamado de objeto imediato, conforme o ponto de vista unilateral (da representação), ali intencionalmente adotado, aqui, de outro ponto de vista, é denominado objetividade da vontade⁴. Com base nisso, pode-se afirmar que a vontade é o conhecimento a priori do corpo, enquanto o corpo é o conhecimento a posteriori da vontade (Schopenhauer, 2014). Essa relação indica que a vontade, como essência metafísica, precede e fundamenta a existência corporal, enquanto o corpo é a manifestação concreta e visível dessa vontade no mundo fenomênico.

Schopenhauer (2014) ressalta que a busca por significado no mundo está distante dos sujeitos, cujos corpos são apenas representações entre inúmeros outros objetos no universo. O sujeito do conhecimento, ao aparecer como indivíduo, recebe a palavra-chave desse enigma existencial: o conceito de "vontade", que revela a essência íntima do mundo e do próprio ser.

Todo ato verdadeiro de sua vontade é simultânea e inevitavelmente um movimento de seu corpo, o que ele resume da seguinte maneira:

[...] em certo sentido, também se pode dizer: a vontade é o conhecimento à priori do corpo e o corpo é o conhecimento à posteriori da vontade. Decisões da vontade referentes ao futuro são simples ponderações da razão sobre o que vai se querer um dia; não atos da vontade propriamente ditos [...] (Schopenhauer, 2014, p. 157-158).

⁴ A objetivação da vontade refere-se ao processo pelo qual essa vontade se manifesta no mundo físico, nos diferentes níveis de existência, desde a matéria inorgânica até a consciência humana. Cada fenômeno no mundo seria uma "objetivação" ou uma representação da vontade, expressa em formas variadas de vida e realidade. A ideia central é que todos os seres e processos naturais, em última instância, são expressões de uma mesma vontade universal. Essa teoria estabelece uma conexão profunda entre o humano e a natureza, na medida em que ambos são expressões de uma mesma força, o que também contribui para o caráter pessimista da filosofia de Schopenhauer, já que a vontade, sendo insaciável, leva os indivíduos ao sofrimento e à frustração contínuos. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ifch/objeto-objetivacao-vontade-schopenhauer>

Revista Interdisciplinar

Conforme citado pelo filósofo, toda ação sobre o corpo é simultânea e imediatamente uma ação sobre o corpo, e que caso seja contrário às suas vontades, recebe o nome de dor, e o contrário, de prazer, não sendo estes dois últimos conceitos considerados como representação pelo estudioso. Não podemos, portanto, representar a vontade sem representar nosso corpo.

O corpo, para Schopenhauer, é o único indivíduo real no mundo, o único fenômeno da vontade, o único objeto imediato do sujeito. Mas que toda ação sobre o corpo afeta a vontade.

Apesar de cada ação isolada seguir-se do motivo apresentado, e apesar do crescimento, o processo de alimentação e as mudanças completas no corpo animal se dão segundo causas que fazem efeito. Mesmo assim, a série completa das ações, bem como sua condição, o corpo todo que a consome, conseqüentemente o processo pelo qual o corpo subsiste. Isso tudo é fenômeno da vontade, segundo Schopenhauer, o tornar-se visível, a objetividade da vontade, como já foi mencionado anteriormente neste artigo.

No caso, para Schopenhauer, a Vontade refere-se ao substrato do mundo, e tudo que existe é objetivação da Vontade. Já vontade é a mola impulsora do querer interior e ela se manifesta no ser humano. A Vontade expressa-se por meio dos movimentos corporais e reflete-se no homem de forma inconsciente, evidenciando-se por meio de uma série de necessidades infindáveis, presentes e desejáveis pelo ser humano. O resultado da manifestação da Vontade é que a existência se torna um verdadeiro campo de instabilidade e luta.

Na concepção de Schopenhauer, as conseqüências do que foi descrito acima são negativas, e é neste sentido que sua filosofia toma um rumo pessimista, pois a “vida dos homens oscila, como um pêndulo, entre a dor e o tédio, tais são na realidade os seus dois últimos elementos” (Schopenhauer, 2014, p. 33). Mais que isso: “A vida do corpo é a morte suspensa, uma morte adiada, e a atividade de nosso espírito, um tédio sempre combativo” (Schopenhauer, 2014, p. 35).

1.2 O mundo como representação

Schopenhauer (2014, p. 43) traz uma assertiva bastante válida para este trabalho: “o mundo é minha representação”. Embora para o filósofo esta seja uma verdade válida universalmente, apenas o Homem pode trazê-la à consciência e refletir sobre tal. Ademais, diz que toda representação só é válida para um determinado grupo. Para ele:

Verdade alguma é, portanto, mais certa, mais independente de todas as outras, e menos necessitada de uma prova do que essa: o que existe para o conhecimento, e portanto para o mundo inteiro, é tão somente objeto em relação ao sujeito, intuição de quem intui, numa palavra, representação (Schopenhauer, 2014, p. 43).

Para Schopenhauer, o conceito mencionado acima serve para todas as épocas e pessoas, inclusive para o próprio tempo, que é também uma representação. Não somente isto, o sujeito que faz tais representações de mundo, conhece a todos, mas não é conhecido por ninguém.

Para Schopenhauer, o conceito de mundo como representação aplica-se a todas as épocas e pessoas, inclusive ao próprio tempo, que também é uma representação. Além disso, o sujeito que constrói tais representações conhece tudo, mas permanece desconhecido por todos. Nesse sentido, o mundo como representação possui duas metades essenciais, necessárias e inseparáveis: de um lado, o objeto, cuja forma é composta por espaço, tempo e pluralidade; de outro, o sujeito, que não está no espaço nem no tempo, mas está presente de maneira indivisa em cada ser que o representa.

Fragoso (2013), ao discutir os estudos de Schopenhauer, observa que o mundo, enquanto vontade, pode ser tanto em essência quanto em aparência. No entanto, expressar claramente essa visão exige uma compreensão mais precisa do sentido em que o mundo é vontade. Schopenhauer evitou uma síntese direta de sua filosofia justamente porque a relação entre sua visão filosófica e seu método de exposição é de dependência mútua. Seu objetivo não era apenas descrever o funcionamento do mundo, mas decifrar seu enigma, o que o levou a manter uma rigorosa fidelidade à sua própria forma de pensar, reconhecendo o abismo inevitável entre conteúdo e forma na filosofia.

Para Fragoso (2013), na perspectiva de Schopenhauer sobre o mundo como representação, o corpo é concebido como uma representação na intuição, ou seja, como um objeto entre outros objetos. Essa visão enfatiza que o corpo, assim como tudo no mundo fenomênico, é parte do conjunto de representações que constituem a realidade tal como a conhecemos. Fragoso destaca passagens que reforçam essa ideia, mostrando como o corpo, ao ser objetivado, se torna uma manifestação da vontade, participando da multiplicidade de objetos no espaço e no tempo, mas, ao mesmo tempo, vinculado à essência metafísica que Schopenhauer identifica como a própria vontade, por exemplo:

Quando o filósofo afirma, logo no início de MVR: “o mundo é minha representação” [...], o que fica apenas implícito na aparente simplicidade da frase, merece atenção. Ao empregar o termo minha, ele não se refere ao indivíduo, mas ao sujeito cognoscente, da

mesma forma o mundo ao qual se refere não é o ou um mundo, mas a totalidade, o conjunto de objetos que formam a efetividade como nós a apreendemos, além disso, ele não afirma ser o mundo apenas representação, mas que considerado como representação é a maneira do sujeito de conhecê-lo (Fragoso, 2013, p. 19).

A afirmação acima aponta para o fato de que o pilar de sustentação da noção de representação é a relação entre sujeito e objeto, descrita como uma relação condicional e necessária, ela é a forma fundamental da representação e a única do conhecimento. Nela, sujeito e objeto são co-originários e existem apenas com e em relação ao outro, de modo que não podemos pensá-los causalmente nem partir de um ou de outro. Sob essa consideração, objeto e representação são sinônimos, partindo da representação como o fundamento da existência.

Existem dois tipos de representações em Schopenhauer: as intuitivas e as abstratas. As representações intuitivas dividem-se em puras e empíricas. As puras referem-se às formas da intuição, que são condições de possibilidade da experiência e têm a sensibilidade como faculdade cognitiva; já as intuitivas empíricas dizem respeito aos objetos reais e singulares, constituindo o mundo empírico, cuja faculdade cognitiva associada é o entendimento (Souza, 2014).

No que tange às representações abstratas, estas são conceitos de responsabilidade exclusiva da razão. Schopenhauer destaca que as faculdades cognitivas se desenvolvem de forma progressiva: primeiramente, a sensibilidade e suas formas puras, como espaço e tempo, que são condições formais indispensáveis para a experiência; depois, o entendimento, responsável pelas intuições empíricas e pelos objetos reais e suas relações; por fim, a razão, que gera os conceitos e representações abstratas (Souza, 2014). Assim, para Schopenhauer (2014), tudo o que existe é representação para o sujeito, que se encontra a si mesmo como sujeito apenas na medida em que conhece, e não como objeto de conhecimento.

Acerca disso, diz o filósofo:

Objeto, contudo, já é o seu corpo que, desse ponto de vista, também denominamos representação. Pois o corpo é objeto [...] entre objetos e está submetido à lei deles, embora seja objeto imediato. Ele encontra-se, como todos os objetos da intuição, nas formas de todo conhecer, no tempo e no espaço, nos quais se dá a pluralidade (Schopenhauer, 2014, p. 45).

Percebe-se, com a análise de Schopenhauer, que o mundo sensível e aparente é uma ilusão que mascara uma realidade que é una e transcendente. Para Schopenhauer, vemos o mundo por meio do princípio de individuação, isto é, não conseguimos perceber que não somos seres

Revista Interdisciplinar

separados de todo o resto, todos sofremos, por isso podemos reconhecer o sofrimento do outro como se fosse nosso. O princípio de individuação é como um véu de maia, pois dificulta nossa visão sobre o todo.

2 A COMPAIXÃO COMO FUNDAMENTO MORAL: A VISÃO DE ARTHUR SCHOPENHAUER

2.1 A proposta ética de Schopenhauer

As investigações morais dizem a respeito a coisa a si mesma e um fenômeno que está diretamente ligado ao à luz do conhecimento imediato, ela revela a sua verdadeira essência como vontade:

Minha filosofia no entanto, é a única que concede a moral seus direitos completos e totais, pois unicamente quando o ser íntimo do homem é a sua própria vontade, por conseguinte, apenas se ele é, no sentido mais estrito, o resultado de seu próprio trabalho, serão as suas obras, na verdade inteiramente dele e por lhes serão imputáveis. Por outro lado, se ele tem outra origem, ou e um trabalho de um ser diferente de se mesmo, toda a sua culpa recai sobre esta origem ou autor. 'Operari sequitur esse' (Schopenhauer, 2014, p. 318).

Schopenhauer apresenta a proposta moral como fonte e fundamento, o reconhecimento, da fragilidade dos sistemas morais como algo concreto e verdadeiramente seguro, sendo influenciado pelo pensamento platônico e o idealismo kantiano rever o discurso moral, mas dessa vez entrando como fundamento as dores do mundo, trazendo a explicação sobre o choro dada no tomo I, de que ele brota da compaixão, sendo que o objeto seria o próprio eu.

No livro IV, da obra *O Mundo Como Vontade e Representação*, acreditamos encontrar o aprofundamento da questão moral e necessário compreender sua filosofia idealista transcendental, mas para que esse aprofundamento se desenvolva e necessário uma análise epistemológica e metafísica e conseqüentemente estética, para que então possamos estruturamos seus pontos para compreender a ética moral.

Apenas os seres humanos possuem a faculdade da razão, sendo percebida enquanto uma prática na medida em que conduz à ação deste. Com isso, a razão no pensamento filosófico de Schopenhauer não tem lugar privilegiado, principalmente no que diz respeito à ética, que é

Revista Interdisciplinar

antidogmática, e não tem como finalidade prescrever regras para uma ação moral, pois não é encontrado em seus escritos normas para o bem agir. Para esse pensador, a razão é necessária para muitos momentos da vida, no entanto não pode ser fundamento da moral, pois não há como identificar a ação boa e a racional, já que é a razão que possibilita ao homem a agir tanto para o bem quanto o mal, a mesma faculdade que viabiliza o homem ter uma vida ponderada e pratica bons atos é a mesma que possibilita praticar crimes e executar ações imorais.

Assim, para que o Homem atinja essa sabedoria de distinguir entre o bem e o mal, deve aceitar que o que conhece não é um Sol e uma Terra, mas apenas um olho que vê um Sol, uma mão que sente uma Terra. Ou seja, o mundo existe só como representação, isto é, existe apenas em relação com a consciência (aqui onde entra a questão do egoísmo). Segundo Schopenhauer, esta verdade foi apreendida pela primeira vez pela filosofia indiana, com a sua doutrina da Maya ou aparência, mas voltou a ser descoberta na Europa por Berkeley (Kenny, 1998).

Para Schopenhauer, a virtude não pode ser ensinada, pois se fosse os sistemas éticos formariam pessoas virtuosas. Assim, na visão de Schopenhauer, a virtude não provém do conhecimento abstrato, caso contrário poderia ser ensinada por meio de discursos morais, conforme pode-se observar em seus escritos:

É precisamente como se afirmassem que toda autêntica obra de arte teria de nascer mediante um emprego bem ponderado de regras estéticas. Uma coisa é tão pervertida quanto outra. A questão, já antes tratada por Platão e Sêneca, se a virtude pode ser ensinada, deve ser respondida negativamente. Por termos de reconhecer- o que também deu origem a doutrina cristã da eleição da graça- que no principal e em seu interior a virtude é em certa medida inata como gênio e, assim, os professores de estética, com todas as suas forças reunidas, são tão incapazes de atribuir a alguém a capacidade de produção geniais, isto é, de autênticas obras de arte, quanto o são todos os professores de ética e pregadores da virtude de transformar um caráter não nobre num caráter virtuoso e nobre (Schopenhauer, 2014, p. 432).

No que concerne à moral, o conhecimento abstrato não pode originar a virtude autêntica, mas, do conhecimento intuitivo que reconhece no outro indivíduo a mesma essência, isto é, a Vontade. Nesse sentido, os dogmas abstratos não têm influência sobre a virtude, esses só têm influência sobre a conduta, sobre atos exteriores, contudo, o dogma não muda a disposição de caráter. O conhecimento abstrato fornece apenas motivos que por sua vez podem mudar a direção da vontade, mas não ela mesma. É indiferente se uma pessoa faz doações a pessoas carentes com a intenção desseguir os dogmas da igreja e conseqüentemente ter sua alma salva em uma vida futura,

Revista Interdisciplinar

no íntimo a disposição de caráter continua a mesma, embora em tese esse indivíduo tenha praticado um ato caridoso. “Os atos e as maneiras de agir de um indivíduo e de um povo podem ser modificados por dogmas e pelos hábitos. Porém, em si, todos os atos são meras imagens vazias; só a disposição de caráter fornece-lhes sentidos moral” (Schopenhauer, 2014).

Para Dalcol (2014), Schopenhauer tinha em mente um objetivo descritivo com relação à ética, a saber, averiguar e apresentar como se concretiza o fenômeno da moralidade no mundo. Com isso, observa-se que Schopenhauer adota o caminho de voltar seus olhos para o mundo concreto, se apropriando de elementos concernentes à vida fática, empírica, para daí extrair a possibilidade da moral.

O ponto de partida da investigação de Schopenhauer sobre o fundamento da ética, é a análise de como os seres humanos executam suas ações. Nas suas palavras, seu intuito é “descrever o fenômeno ético e não prescrever regras, de modo que temos de um lado a fundamentação abstrata, e de outro, a concepção de que a ética é “a ciência que diz respeito à vida” (Schopenhauer, 2001, p. 20).

Conforme o pensamento de Janaway, sobre a discordância entre as propostas de Kant e do filósofo objeto desse estudo:

A ética kantiana é a ética do dever, e tenta formular um imperativo ao qual devem conformar-se as ações do ser idealmente racional. A ética schopenhaueriana é, em contraste, uma ética da compaixão. Ela tenta explicar a diferença entre bom e mau em termos de uma divergência entre as atitudes que os indivíduos podem ter uns com relação aos outros e com respeito ao mundo como um todo. A moralidade para Schopenhauer não é uma questão de dever nem de “obrigação”; nem pode ela ter a racionalidade por fundamento. Trata-se de uma questão de “ver o mundo na perspectiva correta (Janaway, 2003, p. 110).

Com isso, percebe-se que o sistema ético proposto por Schopenhauer não tem caráter normativo como se propôs a maioria dos sistemas éticos ao longo da história da filosofia, nem mesmo a razão é o fundamento da moral. É nesse sentido que Schopenhauer propõe uma independência da razão de todo dogmatismo, para o filósofo alemão a virtude brota do conhecimento intuitivo, ou seja, o fundamento da moral é a compaixão, sobre a qual faremos algumas considerações.

2.2 As ações boas e as más para Schopenhauer

A doutrina do caráter inteligível é fundamental para compreender a origem e o significado moral da ação humana em Schopenhauer. No plano da representação, toda ação humana decorre do caráter do indivíduo que a realiza e do motivo que o move. No entanto, ao alcançar a negação da vontade, o conhecimento deixa de ser um motivo para a ação e se torna um "sedativo" de todo o querer.

O fundamento dessa teoria está na metafísica da vontade, que trata dos graus de objetivação da vontade na natureza. Nos animais, a vontade se objetiva na espécie, enquanto no ser humano, ela se manifesta em cada indivíduo. Assim, o caráter é a índole constante e imutável, empiricamente conhecida, que reflete a vontade individual de cada ser. No excerto abaixo, o autor destaca alguns pontos acerca dessa discussão:

Por isso, em cada homem, as ações são determinadas por sua índole mais íntima, o caráter inteligível. O caráter empírico é a manifestação no tempo, sucessivo – ato por ato, do seu caráter inteligível. O eu quero, que acompanha todas as ações do indivíduo, faz com que cada um reconheça os seus atos e se sinta moralmente responsável. É a vontade do homem que constitui seu próprio eu, o verdadeiro núcleo do seu ser: por isso ela é o fundamento de sua consciência (Staudt, 2007, p. 282).

Com base no que foi abordado acima, a consciência será responsável por equilibrar algumas atitudes humanas, principalmente quando estes se veem diante do bem e do mal. A vontade é como quer e quer como é, e como resultado as ações não irão determinar o caráter, que se revelará na ação. Esta segue o ser, ou seja, a vontade.

O pensamento de Schopenhauer aponta que há uma diferença perceptível entre os mais elevados e os mais baixos graus da vontade. Nos mais elevados, a individualidade ocupa uma posição proeminente, ou seja cada ser humano tem uma forte personalidade própria. Assim, quanto mais baixo ele descer, mais completamente se perde cada traço do caráter individual no caráter comum da espécie. No reino da natureza inorgânica, desaparece toda a individualidade (Kenny, 1998).

A individualidade teria, portanto, pontos positivos e negativos. A filosofia de Schopenhauer identifica a fonte do egoísmo como o conflito interno da Vontade de vida consigo mesmo, sendo esse conflito existente em todas as espécies, embora nos graus mais elevados de

Revista Interdisciplinar

objetivação da Vontade percebe-se de maneira mais clara. A pluralidade é inerente ao fenômeno da Vontade, e o indivíduo se vê como a Vontade de vida em sua completude, eis porque este quer tudo para si e deseja aniquilar tudo que lhe opõe resistência.

Esse querer, destaca Schopenhauer, deriva da carência, da deficiência e logo, do sofrimento. Um desejo pode ser satisfeito, no entanto, outros surgirão e cada vez mais desejos do que aqueles que podemos satisfazer. Para Kenny (1998), a passageira gratificação de um desejo é como a esmola atirada ao necessitado, que o conserva vivo hoje, para que a sua necessidade se prolongue por mais dias. Assim, enquanto a consciência do Homem estiver preenchida pela nossa vontade, nunca poderá este ter felicidade ou paz. O que acontecerá, na verdade, é uma alternância entre a dor e o tédio

Tudo que é exterior ao indivíduo ele percebe tão somente como representação, conceito já discutido anteriormente nesse trabalho, como algo totalmente dependente de sua existência, desse modo deve-se o fato do egoísta se sentir o centro do universo e dessa forma dominar e subjugar em prol do seu bem-estar. Na visão de Schopenhauer, o egoísta está disposto a sacrificar qualquer coisa e até mesmo aniquilar o mundo só para manter um pouco o próprio si mesmo.

É exatamente nesse ponto que o egoísmo entra em cena num grau mais elevado no homem, de maneira assustadora, a exemplo das milhares de guerras ao longo da história, que devastaram populações inteiras. Com a intenção de manter seu bem estar, o egoísta chega tão longe ao ponto de aniquilar a vida de outro indivíduo. Nas palavras do autor de O mundo como vontade e como representação:

Observamos não apenas como cada um procura arrancar do outro o que ele mesmo quer ter, mas inclusive como alguém, em vista de aumentar seu bem estar por um acréscimo significativo, chega ao ponto de destruir toda a felicidade ou a vida de outrem. Eis aí a suprema expressão do egoísmo, cujos fenômenos. Nesses aspectos, são superados apenas por aqueles da pura maldade, que procura indiferentemente sem benefício pessoal algum, a injúria e a dor alheia (Schopenhauer, 2014, pp. 427-428).

O egoísmo, inerente ao ser humano, nasce na vontade que se manifesta e se manifesta na pluralidade de indivíduos. O espaço e o tempo, como princípio de individuação, são a condição da pluralidade dos semelhantes, que são a base do egoísmo. A pluralidade seria, assim, um dos fenômenos da representação, dentre tantos. Nesse caso, não atinge a vontade, mas ela está inteira e indivisível em cada fenômeno e está dividida até ao infinito.

Revista Interdisciplinar

Essas considerações entendem que o mundo é pensado a partir da vontade e como representação. No plano da representação, que faz a separação do eu e do outro, todos os seres querem tudo para si e também aniquilam o que se lhes opõe. Nos seres inteligentes, o indivíduo é a base do sujeito do conhecimento e este sujeito é a base do mundo, como representação. Todos os outros indivíduos e toda natureza fora dele existem apenas quando ele os representa para si, “consequentemente um microcosmo equivalente ao macrocosmo”.

Para Staudt (2007), que analisa o pensamento de Schopenhauer, a malevolência nasce das colisões dos egoísmos, que são prejudiciais a outros, mas apenas como meio. Já a malevolência é mais perigosa, pois é estimulada e multiplicada pelos vícios, erros, fraquezas e carências, que pode transformar o mundo esteticamente falando, como uma galeria de caricaturas; intelectualmente como hospício e, moralmente, como um covil de ladrões. Schopenhauer destaca que o malvado é o carrasco e a vítima ao mesmo tempo, pois desconhece que a vontade é a mesma que se manifesta em todos os fenômenos.

Assim como o indivíduo egoísta, a pessoa má sempre está propensa a praticar injustiça, o que significa que a afirmação de sua vontade vai tão longe ao ponto de negar a vontade que aparece em outros indivíduos, assim como egoísta o conhecimento da pessoa má está restrito ao *principium individuationis*. Em outras palavras, existe um abismo entre a própria pessoa e os demais, e desse modo ela procura apenas o seu bem estar e não leva em consideração o outro, é indiferente aos demais indivíduos. Segundo Schopenhauer, a causa dessa atitude é um grau elevadíssimo de egoísmo.

No homem mau, seus sentidos estão envolvidos pelo Véu de maia, isto é, pelo *principium individuationis* e, por isso, se considera totalmente diferente dos outros indivíduos, pois a pessoa má não reconhece que a Vontade de vida é una e alheia a toda pluralidade, desse modo promove seu bem estar mesmo causado grande sofrimento ao outro. Segundo Schopenhauer, a maldade está condicionada pelo egoísmo e o conhecimento através do *principium de individuationis*, se o véu de maia fosse retirado dos olhos dos homens, eles veriam que não existe diferença entre todos os indivíduos, pois todos compartilham do mesmo sofrimento.

O conhecimento está a serviço da vontade dos homens, e é utilizado para garantir a satisfação dos seus desejos. Para Schopenhauer, os Homens devem se esquecer de sua vontade e individualidade, se tornando em um simples espelho do objeto de contemplação, para que aquilo

Revista Interdisciplinar

que é percebido e aquele que percebe se tornem um só. Com isso, a coisa particular será transformada na Ideia da sua espécie, e o indivíduo que percebe transforma-se em sujeito puro de conhecimento.

Para Schopenhauer, o progresso moral consiste numa redução gradual do egoísmo, pois um homem mau é um egoísta no mais alto grau, já que reafirma a sua própria vontade, negando a presença dessa vontade nos outros, destruindo a existência destes, caso se mostrem como empecilhos. Uma pessoa perversa vai além do egoísmo, e sente prazer no sofrimento dos outros, não apenas como meio para os seus fins, mas como um fim em si mesmo.

Schopenhauer vê ainda que, mesmo o homem perverso vendo um grande abismo entre a sua pessoa e os outros, preserva uma consciência vaga de que a sua própria vontade é apenas a aparência fenomenal da vontade única que está ativa em todos.

Para Schopenhauer, ao contrário das ações motivadas por egoísmo ou por maldade, na ação boa (compassiva) o homem vê além do *principium individuationis*, este não faz mais diferença egoísta entre sua pessoa e os outros, pelo contrário compartilham com muita intensidade do sofrimento alheio como se fosse seu. Esse homem reconhece em todos os seres a essência íntima do mundo (Vontade), desse modo, sente o sofrimento dos outros com um grau de intensidade como se fosse o seu, nenhum sofrimento lhe parece estranho, todos os sofrimentos que vê e raramente consegue aliviar causa efeito sobre seu espírito. Se esse homem fosse envolvido pelo *principium individuationis*, como é no caso do malvado e do egoísta, só conheceria coisas apenas em atos isolados e, conseqüentemente, tudo se torna motivo para seu querer, no entanto, o homem “bom” que tem conhecimento do todo, se afasta de qualquer volição.

O homem bom perde a ilusão da individualidade e de sua vontade, reconhecendo-se no outro, inclusive no sofrido. Com isso, a bondade o leva a um passo além da benevolência, pois presta tanta atenção no sofrimento alheio como se esse fosse seu. No entanto, apenas o benevolente no mais alto grau estará apto a sacrificar a sua própria individualidade. Isto levará além da virtude, em direção ao ascetismo; ele terá tanto horror a este mundo miserável que já não será suficiente amar os outros como a si mesmo e abandonar os seus prazeres quando eles dificultam os prazeres alheios.

O homem bom faz tudo o que pode para repudiar a natureza do mundo enquanto expressa no seu próprio corpo, adotando a castidade, a pobreza, a abstinência e a autopunição,

Revista Interdisciplinar

recebendo de bom grado toda a injúria, ignomínia e insulto a ele dirigidos pelos outros. Isso levar a quebrar a vontade, que reconhece e abomina como fonte da existência sofredora de si mesmo e do mundo; e, quando a morte chega, ele acolhê-la-á como uma libertação. Um ascetismo deste tipo não é um ideal vão: pode ser aprendido pelo sofrimento, e foi exibido na vida por muitos santos cristãos, hindus e budistas (Kenny, 1998).

Na visão de Schopenhauer, ver através do véu de maia e praticar obras de amor podem ser consideradas as mesmas coisas. As obras de amor são sintomas inevitáveis do reconhecimento do sofrimento alheio. Não importa o que a nobreza de caráter pode fazer pelos outros, tem sempre o conhecimento do sofrimento dos outros, o que pode mover bons atos (obras de amor) e tão somente o conhecimento do sofrimento alheio, sofrimento esse que é comum a todos os homens, segue-se que o amor puro é compaixão; é sempre tentar aliviar o sofrimento do outro.

O reconhecimento do sofrimento do outro brota do sentimento intuitivo, e a atitude virtuosa provém do sentimento intuitivo enquanto crimes e práticas cruéis brotam do conhecimento abstrato, ou seja, a faculdade racional e o agir virtuoso são coisas distintas.

Com isso, surge o que poderíamos chamar de compaixão, que está ligada ao estado de infelicidade, à consideração de que a essência da vida é o sofrimento, no entanto, ela é generalizada e indistinta para com todos os seres como manifestação da bondade natural e do conhecimento superior da unidade de todos os seres. Um exemplo citado por Schopenhauer é o da criança doente, que desperta mais compaixão e por isso mais amor e caridade.

No entanto, é importante observar um aspecto que Schopenhauer destaca: a compaixão não consiste em se colocar no lugar do sofredor e na imaginação sofrer sua dor em nossa pessoa. Por esse sentimento, a participação no outro é limitada ao sofrimento e não é estimulada a proporcionar o seu bem-estar. Tal assertiva é um dos aspectos mais polêmicos da concepção de moral de Schopenhauer, o que relaciona a compaixão com o seu pessimismo. Essa seria uma motivação moral exclusivamente do ponto de vista empírico, uma concepção defendida por aqueles que abordam a ética de Schopenhauer com base em seu escrito *O Fundamento da Moral*, em que a motivação moral é identificada com um altruísmo desinteressado.

Para Staudt (2007), é importante reconhecer que a forma de conhecimento que age sobre o motivo é a autoconsciência. Isso significa que as ações movidas pelos motivos são realizadas pelo corpo do sujeito conhecedor, e esse conhecimento é dirigido para o interior desse sujeito. Nesse

Revista Interdisciplinar

sentido, seguindo os pensamentos de Schopenhauer, as ações são vistas como movimentos do próprio corpo, que, por sua vez, são atos da vontade gerados por motivos.

As sensações são reações imediatas da vontade, enquanto os conceitos são reações mediadas. Dessa forma, é fundamental entender que a relação intrínseca entre o querer e o agir, segundo Schopenhauer, não implica uma relação causal entre os atos da vontade e os movimentos do corpo. Esses dois aspectos são a mesma coisa, mas conhecidos de modos diferentes. Para Schopenhauer, a vontade, o sujeito do querer, não é uma realidade empírica e, portanto, não está sujeita à causalidade. A consciência da vontade é imediata, mas o movimento do corpo é o meio pelo qual o ato da vontade se torna conhecido. Em outras palavras, o ato da vontade se manifesta como um movimento corporal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi mencionado no trabalho, percebe-se que com sua filosofia da vontade, Schopenhauer deu novas formas de vida – ou de morte – à cultura cristã. Sem ele, não teria havido nem Wagner, nem Nietzsche como o conhecemos, e foi a escolha final de Nietzsche da vontade contra a renúncia que levou ao fim a filosofia romântica alemã.

No primeiro capítulo do trabalho, percebemos que o conceito de vontade, para Schopenhauer, relaciona-se à questão do ser, seus pensamentos e ações. Ela deve ser controlada, pois somente assim as pessoas poderão ver as coisas objetivamente, independente de objetivos transitórios. Conforme visto, o Homem só se satisfará com o mundo se libertar-se dos seus desejos. Ademais, observou-se que as ações humanas permeiam o mundo das representações, e que elas não podem ser justificadas pela liberdade.

A partir da análise em Schopenhauer, percebemos a distinção entre o homem mau e o bom, e que entre esses existe um carácter intermédio, o homem justo, que não encara a individualidade como um muro absoluto de separação entre ele e os outros. Este tem como objetivo reconhecer a vontade de viver nos outros ao mesmo nível que a sua, a ponto de se abster de agredir os outros seres humanos, seus irmãos.

Revista Interdisciplinar

O homem bom, quando se penetra na barreira da individualidade a um nível mais elevado, alcança a benevolência, o fazer bem, o amor pela humanidade, ou seja, é quase impossível que ele deixe que outros passem necessidades enquanto ele tiver o bastante para si e para dar.

A compaixão, para Schopenhauer, é um sentimento natural, embora não seja comum a todos. Ela é uma exceção e um mistério, caracterizada pela participação imediata e direta na dor alheia, sem necessidade de mediação ou raciocínios complexos. Esse sentimento implica uma supressão da distinção entre o “eu” e o “outro”, relativizando o “eu” e dissolvendo a percepção do outro como alguém distinto. A compaixão revela a identidade fundamental de todos os seres, libertando o ser humano da ilusão de se conceber como um indivíduo separado e independente.

Em resumo, a compaixão é uma participação imediata no sofrimento do outro, sem depender de reflexões ou tentativas artificiais de se colocar no lugar do próximo. Para Schopenhauer, esse sentimento reflete a unidade da vida e constitui a base da virtude. O justo, por sua vez, não viola a vontade do outro, agindo de forma ética. A compaixão, portanto, é central para a ética schopenhaueriana, pois pressupõe essa unidade essencial e fundamenta o comportamento moral.

REFERÊNCIAS

DALCOL, Mônica Saldanha. **A compaixão como fundamento da moral em Schopenhauer**. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2014.

FRAGOSO, Flora Bezerra da Rocha. **Considerações sobre os livros I e II de “O Mundo como Vontade e como Representação”**. Dissertação apresentada à Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2013.

JANAWAY, C. **Schopenhauer**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

KENNY, Anthony. **História Concisa da Filosofia Ocidental**. Lisboa: Temas e Debates — Actividades Editoriais, L.da, 1998.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação, tomo II: complementos**. Ed UFPR: Curitiba, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o fundamento da Moral**. Tradução Maria Lúcia Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



Revista Interdisciplinar

SCHOPENHAUER, Arthur.. **Metafísica de las Costumbres**. Trad. Roberto Rodríguez Aramayo. In: Coleção Clássicos de la Cultura; Madri: Editorial Trotta SA, 2001.

SCRUTON, Roger. **Uma breve história da filosofia moderna**: de Descartes a Wittgenstein. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2008.

SOUZA, Eduardo Ramos Coimbra De. **Schopenhauer e os conhecimentos intuitivo e abstrato**. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Estadual Paulista: São Paulo, 2014.

STAUDT, Leo. O significado moral das ações como negação da vontade, para Arthur Schopenhauer. In: **Rev. Filos.**, v. 19, n. 25, p. 273-303, jul./dez. 2007.

